

Crenças em teorias da conspiração em estudantes universitários: Uma explicação a partir dos traços de personalidade

Creencias de las teorías de la conspiración en estudiantes universitarios: una explicación basada en los rasgos de personalidad

Beliefs in conspiracy theories in university students: An explanation based on personality traits

Alessandro Teixeira Rezende
ORCID: 0000-0002-5381-2155
Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil

Valdiney Veloso Gouveia
ORCID: 0000-0003-2107-5848
Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil

Ana Karla Silva Soares
ORCID: 0000-0001-5306-4073
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Brasil

Heloísa Bárbara Cunha Moizéis
ORCID: 0000-0003-0477-8410
Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil

Autor referente: als_tx29@hotmail.com

Historia editorial

Recibido: 28/05/2020

Aceptado: 21/10/2020

RESUMO

O presente estudo buscou investigar a relação entre os traços de personalidade e as crenças em teorias da conspiração. Para tal, contou-se

com a participação de 205 estudantes universitários ($M_{idade} = 21.7$; 56.6% de sexo feminino), os quais responderam a Escala de Crenças Gerais

Conspiratórias (ECGC), o Questionário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade (ICGFO) e perguntas demográficas. Os resultados indicaram que tais crenças estão associadas, principalmente com os traços de conscienciosidade e abertura à mudança. Concluiu-se que os traços de personalidade podem ser uma variável importante para explicar o endosso as crenças em teorias da conspiração,

sobretudo para aqueles indivíduos que se sentem cognitivamente ameaçados e buscam criar explicações alternativas a fim de reduzir o sentimento de instabilidade e desorganização. Nesta visão, as teorias da conspiração ajudariam os indivíduos a dar sentido a um mundo que foge de seu controle, oferecendo explicações aparentemente coerentes para eventos sociais complexos.

Palavras-chave: Crenças; teorias; conspiração; traços de personalidade.

RESUMEN

El presente estudio buscó investigar la relación entre los rasgos de personalidad y las creencias en las teorías de conspiración. Con este fin, participaron 205 estudiantes universitarios ($M_{\text{idade}} = 21.7$; 56.6% mujeres), quienes respondieron la Escala de Creencia de Conspiración General (ECGC), el Cuestionario de los Cinco Grandes Factores de Personalidad (ICGFO) y preguntas demográficas. Los resultados indicaron que tales creencias están asociadas, principalmente, con los rasgos de responsabilidad y apertura a la experiencia. Se concluyó que los

rasgos de personalidad pueden ser una variable importante para explicar el respaldo de las creencias en las teorías de conspiración, especialmente para aquellos individuos que se sienten amenazados cognitivamente y buscan crear explicaciones alternativas para reducir la sensación de inestabilidad y desorganización. Desde este punto de vista, las teorías de conspiración ayudarían a las personas a dar sentido a un mundo más allá de su control, ofreciendo explicaciones aparentemente coherentes para eventos sociales complejos.

Palabras clave: Creencias; teorías; conspiración; rasgos de personalidad.

ABSTRACT

The present study sought to investigate the relationship between personality traits and beliefs in conspiracy theories. For this purpose, we counted with the participation of 205 university students ($M_{\text{age}} = 21.7$; 56.6% female), who answered the Generic Conspiracist Beliefs Scale (GCBS), the Five Factor model (FFM) and demographic questions. The results indicated that such beliefs are associated, mainly with the traits of conscientiousness and

openness to change. It was concluded that personality traits can be an important variable to explain the endorsement of beliefs in conspiracy theories, especially for those individuals who feel cognitively threatened and seek to create alternative explanations in order to reduce the feeling of instability and disorganization. In this view, conspiracy theories would help individuals make sense of world beyond their control, offering seemingly

coherent explanations for complex social events.

Keywords: Beliefs; theories; conspiracy; personality traits.

Constata-se que nos últimos anos houve um aumento substancial na disseminação de teorias da conspiração. Eventos estressantes e crises sociais como desastres naturais, crises financeiras e pandemias acarretam um cenário social e político permeado de incertezas, desconfianças, sentimentos de ansiedade e falta de controle (March & Springer, 2019). Em tal conjuntura as teorias conspiratórias se tornam um instrumento eficaz para criação de sentido ao proporcionar as pessoas uma sensação de segurança e significado no mundo quando os eventos são considerados ameaçadores (Hollander, 2018).

Nesta direção, os termos “teorias da conspiração”, “conspiracionismo”, “ideias conspiratórias” ou ainda “pensamento conspiratório” residem na crença de que grupos poderosos manipulam eventos sociais para alcançar objetivos que são considerados prejudiciais para sociedade (e.g., manipulação de informações, alteração de dados pelo governo). Uma outra característica primordial das teorias conspiratórias é que apesar de carecer de bases científicas confiáveis, elas fornecem alternativas aparentemente “fundamentadas” para explicar e contestar as versões oficiais dos fatos (Swami et al., 2017).

Assim, as teorias da conspiração se tornam particularmente convincentes quando uma informação parece inadequada ou um evento não tem explicação plausível. Nesse contexto, os indivíduos aderem as teorias conspiratórias como forma de facilitar a compreensão das origens e consequências de eventos que são tidos como significativos ou ameaçadores (Swami, Weis, Lay, Barron, & Furnham, 2016).

A partir disso, uma miríade de teorias conspiratórias —“*muita informação sobre doenças e tratamentos são escondidas dos cidadãos*”, “*experiências envolvendo*

novos medicamentos são realizados nos cidadãos sem seu consentimento”, “*as agências governamentais estão envolvidas no assassinato de figuras ilustres*” e “*o governo esconde da população geral muitos segredos importantes*”— atuam como um meio popular de articular oposição às forças do capitalismo e da globalização, possibilitando assim, o enfrentamento às hierarquias sociais estabelecidas e fornecendo entendimentos alternativos sobre eventos da realidade social (Galliford & Furnham, 2017).

Mediante o exposto, tais teorias atribuem importantes eventos sociais e políticos às ações de grupos considerados poderosos e malévolos. A esse respeito, diversos resultados fornecem suporte para essa visão, indicando que essas teorias estão fortemente associadas à desconfiança política, falta de credibilidade nas instituições e atitudes negativas frente a governantes (Swami et al., 2012).

Análogo a essa discussão, Douglas, Sutton e Cichocka (2017) indicam que as razões pelas quais as teorias da conspiração são atraentes para os indivíduos deve-se ao fato de que elas satisfazem três necessidades psicológicas principais: *social* (e.g., necessidade de manter a imagem positiva de si mesmo ou do grupo), *epistêmica* (e.g., necessidade de entender e dar sentido ao ambiente social) e *existencial* (e.g., necessidade de controle cognitivo sobre o meio social).

Especificamente dentro do escopo da Psicologia Social, as pesquisas vêm mostrando que as teorias conspiratórias são mais atraentes para os indivíduos que sentem que sua imagem pessoal está sendo ameaçada, indicando assim a satisfação da necessidade social de manter a autoimagem positiva (Swami et al., 2016). Evidências ainda indicam que as crenças conspiratórias estão diretamente associadas a indivíduos que procuram ordem e entendimento dos acontecimentos em seu ambiente, satisfazendo, de tal forma, a necessidade epistêmica de precisão e certeza sobre o meio social (March & Springer, 2019). Por outro lado, indivíduos que se sentem incapacitados ou ansiosos diante de um evento tendem a endossar em maior medida

as teorias conspiratórias, satisfazendo assim a necessidade existencial de segurança e controle social (Douglas, Sutton, Callan, Dawtry, & Harvey, 2016).

Tendo em conta que a crença em teorias da conspiração satisfaz importantes necessidades psicológicas, permitindo que as pessoas deem sentido aos eventos, evitem sentimentos de incerteza e ansiedade existencial, Swami, Chamorro-Premuzic e Furnham (2010) argumentam que a crença em pensamentos conspiratórios pode estar relacionada com as características individuais de cada pessoa, a exemplo da personalidade. Na mesma direção, Swami et al. (2011) enfatizam que adesão a explicações baseadas em ideias conspiratórias pode ser entendida a partir de diferenças individuais, tais como vieses de processamento de informação, estratégias de manutenção de identidade e características de personalidade.

A partir do anteriormente descrito e considerando a influência que tais teorias têm no comportamento das pessoas, decidiu-se averiguar em que medida as crenças em teorias da conspiração estão relacionadas com os traços de personalidade. Neste sentido, inicialmente, procura-se a seguir tratar dos traços de personalidade, dando ênfase ao modelo emergente que vem se consolidando, isto é, a teoria dos cinco grandes fatores de personalidade (*big five*). Posteriormente, descrever-se-á brevemente o panorama dos estudos que versam sobre a relação entre as teorias conspiratórias e os traços de personalidade. Por fim, apresenta-se o estudo empírico propriamente.

Traços de Personalidade

De acordo com Schultz e Schultz (2011), a personalidade é um agrupamento permanente e peculiar de características que podem mudar em resposta a situações diferentes. Diversas teorias e medidas foram elaboradas para entender a personalidade e suas dimensões, logrando-se um consenso relativo em torno do modelo dos cinco grandes fatores (*big five*), que tem sido replicado em diversos

estudos, empregando instrumentos e métodos diferentes (Ashton & Lee, 2019). Portanto, parece adequado tê-lo em conta no presente estudo.

Este modelo representa uma organização hierárquica dos traços de personalidade, onde os mesmos estão dispostos em cinco dimensões que fornecem uma estrutura em que a maioria dos traços pode ser classificada. Especificamente no contexto brasileiro, tais fatores vêm sendo denominados de *extroversão*, *neuroticismo*, *amabilidade*, *conscienciosidade* e *abertura à mudança* (Couto & Fonsêca, 2019), no entanto, algumas variações são encontradas em relação a tais denominações (Buecker, Maes, Denissen, & Luhmann, 2020). Todos os cinco fatores são nomeados a partir de um traço geral que englobam tanto as características quanto a semântica compartilhada pelos traços que formam o fator (Dwan, & O’Nsworth, 2019).

Embora na literatura sejam encontradas traduções um tanto diferentes, adota-se aqui a seguinte classificação: *abertura à mudança*. Também chamado de “cultura”, “imaginação” ou “intelecto”, revela indivíduos curiosos, imaginativos e criativos, que se divertem com ideias novas e valores não-convencionais; *conscienciosidade*. Também chamado “falta de impulsividade” ou “vontade”, indica comportamentos que acentuam o sentido de organização, persistência, controle e motivação para alcançar objetivos altruísticos; *extroversão*. Denomina-se também de “expansão”, revelando pessoas sociáveis, ativas, falantes, otimistas e afetuosas; *amabilidade*. Correspondente à “agradabilidade” e “sociabilidade”, descrevendo pessoas que tendem a ser generosas, bondosas, afáveis, prestativas e altruístas; e, finalmente, *neuroticismo*. Também nomeado como “instabilidade emocional”, indica indivíduos propensos a sofrimento psicológico, podendo apresentar ideias irrealistas, baixa tolerância à frustração e respostas de enfrentamento não adaptativas (Anglim & O’Connor, 2019; Soto & John, 2017).

Vale destacar que o Modelo dos Cinco Grandes Fatores não reduz a personalidade em apenas cinco traços; pelo contrário, ele pressupõe que estas cinco grandes

dimensões atribuem um nível amplo e abstrato à personalidade, onde cada uma delas pode ser composta por um número maior de características específicas e divergentes da personalidade (Costa & McCrae, 1995). Ademais, as evidências a respeito da existência de cinco dimensões da personalidade estão embasadas em quatro fundamentos essenciais: a) comprovação, por meio de estudos longitudinais, de que os cinco fatores são disposições duradouras que se manifestam nos padrões comportamentais; b) existência dos traços relatados pelo modelo do *Big Five* em outros modelos teóricos; c) existência dos cinco fatores em diferentes sexos, idades e etnias; e d) sugestão da existência de uma base genética, a partir de achados em relação a fatores hereditários dos traços (Smederevac et al., 2020).

Nesse sentido, ter como base um modelo composto por Cinco Grandes Fatores da Personalidade possibilita a existência de uma linguagem comum para psicólogos de diferentes abordagens, bem como uma guia para avaliação do comportamento humano, sendo fundamental para psicólogos de diferentes áreas de atuação (e.g., social, educacional, organizacional, clínica). Deste modo, diversos estudos, em contextos culturais diferentes, têm se ocupado em entender a relação entre os traços de personalidade e outros construtos, tais como forças de caráter e relacionamentos íntimos (Couto & Fonsêca, 2019). A partir disso, para evidenciar ainda mais o poder explicativo destes traços, a seguir serão descritos alguns estudos que versam sobre a relação entre personalidade e teorias da conspiração.

Teorias da Conspiração e Traços de Personalidade

Apesar de as teorias da conspiração serem por vezes associadas a psicopatologias latentes, como a esquizofrenia e paranoia (Swami et al., 2017), psicólogos sociais da personalidade vêm apresentando um crescente interesse em explicar as ideias conspiratórias na população geral, mostrando que pessoas que acreditam nas mesmas assumem um perfil específico de personalidade. Tendo isso em

consideração, um corpo significativo de trabalhos vem explorando as relações entre as variáveis de diferenças individuais e as teorias da conspiração (Swami et al., 2010; Swami et al., 2012).

A esse respeito, Swami et al. (2016) buscaram verificar a associação existente entre crenças em teorias da conspiração e distúrbios de personalidade. Para tal, utilizou-se uma amostra de 259 indivíduos da população geral (não-clínica), que foram solicitados a responder medidas de crenças em teorias da conspiração e ao Inventário de Personalidade para o DSM-V, composto por 25 facetas. Os resultados mostraram que as teorias da conspiração se correlacionaram com insensibilidade, desregulação perceptiva, excentricidade e suspeita. Todavia, os autores ressaltam que um olhar psicopatológico oferece apenas uma contribuição parcial no entendimento da popularidade das teorias da conspiração, e sugerem que certos traços de personalidade podem contribuir para assimilação ou manutenção de ideias conspiratórias.

Nesta direção, na tentativa de ampliar o entendimento da relação entre as teorias da conspiração e a personalidade, estudiosos da área têm se utilizado da abordagem de traços, especificamente dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade (CGF) ou *Big Five*. Esse modelo ganhou espaço nos estudos sobre as teorias da conspiração, principalmente por apresentar uma base empírica sólida e por não ser construído a partir de observações clínicas de pacientes emocionalmente instáveis, mas pela observação de pessoas emocionalmente saudáveis (Swami et al., 2016).

Em torno desse cenário, Swami et al. (2010) foram os pioneiros em verificar a relação existente entre as crenças conspiratórias sobre o 11 de setembro e a estrutura da personalidade do *Big Five*. Contando com uma amostra de 257 indivíduos, os autores evidenciaram que o traço de *abertura à mudança* esteve positivamente correlacionado com a exposição de ideias conspiratórias. Em estudo posterior, Swami et al. (2012) também encontraram uma associação positiva entre essas variáveis, evidenciando

que a curiosidade intelectual, imaginação ativa e uma propensão para novas ideias pode resultar em uma maior aceitação a ideias conspiratórias.

Em direção similar, Swami et al. (2010), ao buscarem avaliar a relação entre crenças conspiratórias sobre a vida extraterrestre e os traços de personalidade em uma amostra de 555 pessoas da população geral, evidenciaram que a *abertura à mudança* previu negativamente as crenças sobre a vida extraterrestre em geral, entretanto, apresentou uma associação positiva com crenças sobre a inteligência extraterrestre. Os autores ressaltaram que embora os indivíduos que apresentam esse traço possam ser relutantes em aceitar crenças genéricas sobre fenômenos extraterrestres, eles ainda apresentam uma mente aberta o suficiente para acreditar na inteligência extraterrestre.

Swami et al. (2011), por sua vez, buscaram examinar as associações entre traços de personalidade e a crença de que as agências governamentais têm conhecimento de que extraterrestres visitaram a terra. Os resultados do estudo mostraram que as crenças em extraterrestres foram positivamente relacionadas com *abertura à mudança* e negativamente com *extroversão* e *amabilidade*. Tais resultados estão em consonância com os estudos (Swami et al., 2010; Swami et al., 2012), mostrando que os indivíduos que endossam o traço de *abertura à mudança* são mais propensos a ir em busca de informações que promovam coerência cognitiva.

Diante do exposto, os estudos presentes na literatura científica que versam sobre a relação entre as teorias da conspiração e os traços de personalidade sugerem que uma perspectiva pautada nas diferenças individuais pode ser válida para esclarecer os processos subjacentes envolvidos na origem das teorias da conspiração. Reflexões a esse respeito evidenciam que, embora existam diferentes abordagens e medidas de traços de personalidade, criou-se um certo consenso de que o modelo dos cinco grandes fatores se apresenta como uma proposta válida para explicar e prever uma miríade de comportamentos (Goreis & Voracek, 2019).

Nesta direção, o presente estudo tem como objetivo geral averiguar em que medida as crenças em teorias da conspiração podem ser explicadas pelos traços de personalidade. Especificamente, pretender-se-á investigar as relações existentes entre as dimensões destas crenças e os traços de personalidade, além de identificar quais traços melhor explicam as crenças em teorias conspiratórias.

Método

Delineamento e Hipóteses

Tratou-se de um delineamento correlacional, considerando medidas de autorrelato (e.g., traços de personalidade, crenças em teorias da conspiração). Tendo em conta o que tem sido descrito na literatura acerca das teorias da conspiração e os fundamentos da teoria dos cinco grandes fatores de personalidade, elaboraram-se três hipóteses: a) As pessoas que pontuam alto nos traços de conscienciosidade endossarão mais as crenças em teorias da conspiração. Essa hipótese foi formulada tendo como princípio a ideia de que altas pontuações na dimensão conscienciosidade descrevem indivíduos que apresentam comportamentos de organização, cuidado e empenho na busca de informações alternativas para entender os eventos da realidade social (Galliford & Furnham, 2017) ; b) pessoas que pontuam alto em traços de abertura endossarão mais crenças em teorias da conspiração. Essa segunda hipótese teve como subsídio a premissa de que pessoas que apresentam alta flexibilidade de pensamento, abertura a novas experiências, curiosidade e criatividade na busca de informações vão estar mais direcionadas a endossar teorias conspiratórias para contestar informações que são fornecidas pela mídia ou instituições governamentais (Swami et al., 2017); c) pessoas que pontuam alto no traço de neuroticismo endossarão em maior medida as crenças em teorias da conspiração. Por fim, para formulação da terceira hipótese, considerou-se a ideia de que o endosso às teorias conspiratórias está atrelado à indivíduos que apresentam uma maior dificuldade em

ajustar-se as informações que são fornecidas no meio social, sendo, portanto, mais inseguros, preocupados e sensíveis a ameaças externas (Swami et al., 2016).

Participantes

Participou deste estudo uma amostra composta por 205 estudantes universitários de uma instituição pública da cidade de João Pessoa. Os participantes tinham uma idade que variava de 18 a 49 anos ($M = 21,7$; $DP = 5,14$), sendo majoritariamente do sexo feminino (56,6%), católica (35,6%), solteira (92,2%), heterossexual (78%) e de classe média (54,6%). Tratou-se de uma amostra de conveniência (não probabilística), na qual participaram as pessoas que, solicitadas a colaborar, aceitaram fazê-lo voluntariamente.

Ressalta-se que a presente amostra representa um recorte de um projeto mais amplo que visa explicar as crenças em teorias da conspiração a partir dos valores humanos, traços de personalidade, orientação política e coerência cognitiva, sendo uma das propostas já publicada por Rezende, Gouveia, Nascimento, Vilar, & Oliveira (2019).

Instrumentos

Os participantes foram solicitados a preencher um questionário que reunia perguntas de caráter demográfico para caracterização da amostra (i.e., idade, sexo, estado civil, orientação sexual e religião) e as seguidas medidas:

Escala de Crenças Gerais Conspiratórias (ECGC). A presente medida foi elaborada no contexto brasileiro por Rezende, Gouveia, Coelho, Loureto, & Cavalcanti (2019, no prelo), sendo constituída por 15 itens que são respondidos em uma escala do tipo *Likert* variando de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente). Tais itens são distribuídos igualmente em cinco dimensões que são denominadas de manipulação farmacêutica (e.g., experiências envolvendo novos medicamentos são realizados nos cidadãos sem seu consentimento; $\alpha = 0.74$), conspirações globais (e.g.,

alguns atos de violência são financiados pelo próprio governo; $\alpha = 0.80$), manipulação de grupos secretos (e.g., grupos anônimos controlam a política mundial; $\alpha = 0.80$), encobrimento de contato extraterrestre (e.g., missões espaciais são forjadas para que os cidadãos não descubram a existência de alienígenas; $\alpha = 0.92$) e controle de informações (e.g., o governo esconde da população geral muitos segredos importantes; $\alpha = 0,60$). No presente estudo, a consistência interna (Alfa de *Crobanch*) geral da medida foi de 0,89, apresentando índices de ajustes satisfatórios [χ^2 (65) = 115,98, CFI = 0,96, TLI = 0,94 e RMSEA = 0,06].

Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade (ICGFP). A adaptação desta escala para o contexto brasileiro foi levada a cabo por Andrade (2008), encontrando uma estrutura formada por 34 itens. Não obstante, nesta ocasião, em virtude da aplicação de outras escalas, optou-se por uma versão reduzida do *ICGFP*, composta por 20 itens distribuídos em cinco dimensões que questionam como o indivíduo se percebe: abertura à mudança (e.g., gosta de refletir, brincar com as ideias; $\alpha = 0,70$), conscienciosidade (e.g., insiste até concluir a tarefa ou o trabalho; $\alpha = 0,65$), extroversão (e.g., é sociável, extrovertido; $\alpha = 0,80$), amabilidade (e.g., tem capacidade de perdoar, perdoa fácil; $\alpha = 0,65$) e neuroticismo (e.g., preocupa-se muito com tudo; $\alpha = 0,75$). Os itens são respondidos em escala tipo Likert de cinco pontos, com os extremos variando de 1 (*Discordo totalmente*) a 5 (*Concordo totalmente*). Na amostra do presente estudo, a consistência interna (Alfa de *Crobanch*) geral dessa medida foi de 0,76, com indicadores de ajustes marginalmente satisfatórios [χ^2 (160) = 297,70, CFI = 0,88, TLI = 0,88 e RMSEA = 0,06].

Procedimento

Os participantes foram selecionados segundo técnica de amostragem não probabilística, em ambientes de sala de aula de uma instituição de ensino superior. Após a anuência dos docentes responsáveis pela disciplina, os participantes levaram

em média 15 minutos para responder a escala. Por fim, eram apresentadas as instruções específicas sobre a forma de responder a medida, dispendo-se, os aplicadores, ao esclarecimento de dúvidas. A participação voluntária, o anonimato e a confidencialidade das respostas dos participantes foram assegurados verbalmente e por meio de um termo de consentimento livre e esclarecido, segundo regulamenta a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) 510/16 (Brasil, 2016). Informou-se, na oportunidade, que danos imateriais não eram previstos na condução deste estudo, contudo, os pesquisadores estavam à disposição dos respondentes para serviço de escuta psicológica, caso estes se sentissem desconfortáveis com o conteúdo dos itens. Dessa forma, o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com parecer CAAE no 76972917.8.0000.5188.

Análise dos Dados

Para análise dos dados utilizou-se o Software estatístico *SPSS* (versão 25). Inicialmente foram realizadas estatísticas descritivas (medias de tendência central, dispersão e frequência) a fim de caracterizar o perfil demográfico da amostra. Ademais, visando avaliar se amostra apresenta distribuição normal, fez-se uso dos testes de *Kolmogorov-Smirnov* e *Shapiro-Wilk*. Tais testes comparam escores de uma amostra a uma distribuição normal modelo de mesma média e variância dos valores encontrados na amostra. Para que os dados da amostra não diferenciem significativamente de uma distribuição normal, é necessário que o teste não seja significativo ($p > 0,05$). Após essa verificação inicial, foram realizadas correlações para investigar a relação entre as crenças em teorias da conspiração e os traços de personalidade. Por fim, empregou-se a análise de regressão múltipla (método de *stepwise*) para verificar o poder preditivo dos traços nas crenças conspiratórias.

Resultados

Inicialmente foi avaliado se amostra utilizada apresentava uma distribuição normal. A partir disso, constatou-se que os testes de Kolmogorov-Smirnov [$D(191) = 0,07, p > 0,05$] e Shapiro-Wilk [$D(191) = 0,98, p > 0,05$] não foram estatisticamente significativos para os dados referentes a medida de crenças em teorias da conspiração. No que concerne ao inventário dos cinco grandes fatores de personalidade os dados também não foram significativos para os testes Kolmogorov-Smirnov [$D(191) = 0,05, p > 0,05$] e Shapiro-Wilk [$D(191) = 0,99, p > 0,05$], indicando assim, a normalidade da amostra para ambas as variáveis. Tal resultado permitiu estabelecer os requisitos prévios mínimos para a realização das técnicas estatísticas empregadas no presente estudo

Posteriormente, com a finalidade de testar as hipóteses deste estudo, computou-se a pontuação total para a medida de crenças em teorias da conspiração, somando-se os 15 itens da escala. Posteriormente, calcularam-se as pontuações específicas desta medida, isto é, para cada um de seus cinco componentes, conforme indicado em instrumentos. Calculadas as pontuações totais de cada traço de personalidade, procurou-se correlacioná-las com aquelas de crenças em teorias da conspiração. Os resultados podem ser observados na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1. Correlações de *Pearson* entre Big Five e Crenças em Teorias da Conspiração

| | <i>ECGC</i> | <i>MP</i> | <i>CG</i> | <i>MGS</i> | <i>ECE</i> | <i>CI</i> |
|-------------------|-------------|-----------|-----------|------------|------------|-----------|
| Abertura | .21** | .26** | .13 | .14* | .12 | .16* |
| Conscienciosidade | .15* | .14* | .20** | .17* | -.02 | .14* |
| Extroversão | .15* | .19** | .13 | .10 | .05 | .06 |
| Amabilidade | .10 | .13 | .05 | .09 | .02 | .06 |
| Neuroticismo | .08 | .07 | .08 | .09 | .02 | .04 |

Nota. ECGC (pontuação total da escala de crenças gerais conspiratórias); MP (manipulação farmacêutica); CG (conspirações globais); MGS (manipulação de grupos secretos); ECE (encobrimento de contato extraterrestre); CI (controle de informações); * $p < 0,05$; ** $p < 0,001$.

No que diz respeito às três hipóteses deste estudo, duas foram corroboradas. Especificamente, as correlações das crenças em teorias conspiratórias, como avaliadas a partir da pontuação total da medida correspondente, foram positivas e significativas com os traços de abertura à mudança ($p < 0,001$) e conscienciosidade ($p < 0,05$), não sendo possível observar nenhuma relação significativa com o traço de neuroticismo ($p > 0,05$). Ressalta-se, ainda, que apesar de não hipotetizado, constatou-se uma relação positiva e significativa com o traço de extroversão ($p < 0,05$).

Como último passo, buscou-se verificar o poder preditivo dos traços de personalidade na explicação das crenças conspiratórias. Para cumprir tal objetivo, adotou-se a análise de regressão linear múltipla, especificamente, o método *stepwise*, a fim de dirimir o efeito de multicolinearidade entre as variáveis. A partir disso, a pontuação total das crenças conspiratórias foi tida como variável critério, e os traços de personalidade como variáveis explicadoras. Os resultados indicaram que apenas um traço de personalidade (abertura à mudança) logrou explicar a variação em tais crenças [$R = 0,50$, $R^2 = 0,13$, $F(1, 183) = 9,37$, $p < 0,001$]. Especificamente, este traço

contribuiu de forma positiva para a pontuação na dimensão geral de crenças em teorias da conspiração [abertura à mudança ($\beta = 0,18$, $t = 2,52$, $p < 0,001$)].

Discussão

O presente estudo buscou conhecer o papel que os traços de personalidade exercem na explicação das crenças em teorias da conspiração. Confia-se que o propósito deste estudo tenha sido alcançado, sendo os resultados principais discutidos nesta oportunidade, tomando como base o Modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade (Costa & McCrae, 1995).

Nesta direção, durante muito tempo, as crenças em teorias da conspiração foram atribuídas a pessoas que sofriam de delírios, paranoia e esquizofrenia (e.g., Swami et al., 2016). Todavia, com o crescente interesse dos psicólogos sociais por esse fenômeno, houve um distanciamento desse pensamento, observando que a popularidade das teorias conspiratórias não eram unicamente resultado de psicopatologias (Swami et al., 2012). Assim, considerando que as teorias da conspiração florescem em tempos de agitação social e em resposta a eventos mundiais significativos, não é surpreendente que pesquisadores começassem a investigar as ideias conspiratórias na população geral, evidenciando a existência de um perfil de personalidade específico para pessoas que aderem a explicações baseadas em tais teorias (Swami et al., 2011).

Convergente com essa discussão, ressalta-se que nos últimos anos os traços de personalidade vêm sendo utilizados para explicar o endosso a pensamentos conspiratórios (e.g., Swami et al., 2010; Swami et al., 2017). O acúmulo de descobertas nessa área reuniu uma série de razões teóricas pelas quais os indivíduos acreditam em teorias conspiratórias. A esse respeito, Rose (2017) destaca que é possível elencar quatro razões principais, dentre elas: a) o sentimento de impotência e insatisfação com a estrutura social; b) a percepção de não identificação com as

normas sociais dominantes; c) a necessidade de fornecer explicações e atribuir a um inimigo “oculto” a culpa por eventos considerados prejudiciais; e d) uma visão de mundo negativa e cética.

A princípio, tal como hipotetizado, foi verificado que a pontuação total da ECGC e suas respectivas dimensões correlacionaram-se positivamente com o traço de conscienciosidade, algo também encontrado no estudo de Swami et al. (2012). Tal resultado pode ser atribuído a características que definem esse traço, assim como necessidade de organização, persistência e busca de informações (Costa & McCrae, 1995). Nesta direção, Douglas et al. (2017) argumentam que uma das necessidades psicológicas relacionadas ao endosso de teorias da conspiração é denominada de necessidade existencial, sendo a mesma caracterizada por satisfazer o desejo de controle, segurança e organização cognitiva sobre o meio social (Swami et al., 2017). Douglas et al. (2016) ainda ressaltam que quando os indivíduos se sentem cognitivamente ameaçados, buscam criar explicações alternativas a fim de reduzir o sentimento de instabilidade e desorganização.

Além disso, baseada na ideia de que as pessoas são motivadas a perceber seu ambiente como seguro e reconfortante, Douglas et al. (2017) argumentam que a crença em teorias da conspiração pode ser uma maneira pela qual as pessoas procuram controle sobre o ambiente. A pesquisa experimental apoia essa visão, mostrando que quando as pessoas se submetem a uma situação que não tem controle, o endosso a teorias da conspiração aumenta (Swami et al., 2017). Evidenciou-se ainda que a procura de tais teorias para explicar eventos está relacionada à busca de segurança e organização, dando congruência a relação encontrada entre conscienciosidade e crenças em ideias conspiratórias (Galliford & Furnahm, 2017).

Analisando a influência do traço de neuroticismo, não foi possível verificar relações positivas e significativas dessa dimensão com as crenças em teorias da conspiração,

rejeitando-se a terceira hipótese. Todavia, esse resultado era esperado tendo em vista que pessoas que pontuam alto nesse traço são caracterizadas por serem emocionalmente instáveis, podendo apresentar ideias irreais, baixa tolerância a frustração, irritabilidade, ansiedade, estresse excessivo e falta de confiança interpessoal (Douglas et al., 2016). Concernente a essa discussão, estudos da literatura indicam que o perfil de personalidade de um indivíduo “conspirador” está também associado a comportamentos de ansiedade, estresse, baixos níveis de confiança interpessoal, ideias paranormais e instabilidade emocional (Swami et al., 2016).

Os achados apontaram também que as crenças em teorias da conspiração se relacionaram positivamente com o traço de abertura à mudança, sendo tais resultados coerentes com outros estudos da literatura (Swami et al., 2012; Swami et al., 2010). Esta relação era esperada, pois pessoas que pontuam alto no traço em questão apresentam uma mente mais aberta a novas ideias, fazendo com que haja um maior envolvimento na busca de conhecimento, bem como de argumentos alternativos para explicar e questionar a realidade social. Na mesma linha de pensamento, o estudo desenvolvido por Swami et al. (2012) evidenciou que uma imaginação ativa e um estilo de vida criativo pode resultar em uma maior aceitação a ideias conspiratórias.

Considerações finais e Possibilidades futuras

Apesar de alcançados os objetivos deste estudo, reconhecem-se limitações potenciais, especialmente em relação à especificidade da amostra, que considerou apenas estudantes universitários. Porém, um outro aspecto que precisa ser ponderado é a natureza das medidas utilizadas, que foram de autorrelato, podendo introduzir viés decorrente de desejabilidade social, o que poderia ser amenizado contando com medidas implícitas, mas se recomendaria também controlar o efeito deste viés de resposta (Soares et al., 2016). É importante ressaltar, ainda, que o delineamento da

pesquisa não permite afirmações de causa e efeito, não sendo possível afirmar, por exemplo, que quem apresenta traços de abertura à mudança endossará crenças em teorias da conspiração. Neste sentido, estudos futuros precisarão replicar os achados aqui descritos, atestando sua adequação.

Quanto aos novos estudos, além de sanar os potenciais problemas previamente indicados, poder-se-á avaliar a influência do nível educacional no endosso de crenças de teorias da conspiração. A literatura da área indica uma relação negativa entre alto nível educacional e crenças em teorias da conspiração. Tal relação se deve ao fato de que ao longo da trajetória educacional as pessoas aprendam a resolver problemas de forma independente, adquirindo habilidades sociais para influenciar seu ambiente, o que as faz mais ativas no controle de suas vidas, diminuindo, assim, o sentimento de impotência e, conseqüentemente, o endosso às teorias conspiratórias (Swami et al., 2017). Poderá ser também interessante realizar estudos experimentais que comprovem o efeito da exposição a teorias da conspiração em comportamentos cívicos (e.g., engajamento político, preocupação ambiental). Estudos prévios sugerem que esta exposição provoca sentimentos de desconfiança com o governo, menor envolvimento em políticas de vacina e redução do engajamento em comportamentos pró-ambientais (Douglas et al., 2017).

Na tentativa de ampliar o escopo de entendimento das teorias da conspiração, é necessário ter em conta também outros modelos teóricos de personalidade existentes na literatura, a exemplo da *Dark Triad of Personality* que avalia o maquiavelismo e as formas subclínicas de psicopatia e narcisismo. Tal possibilidade encontra subsídio na ideia de Douglas et al. (2016), que argumentam que um dos mecanismos sociopsicológicos que estimulam o endosso a teorias da conspiração é a projeção, ou seja, as pessoas tendem a projetar suas próprias tendências morais nos conspiradores. Mediante um estudo realizado por esses autores, foi possível observar que os participantes que receberam maiores pontuações no traço de maquiavelismo

tenham maior probabilidade de acreditar em teorias conspiratórias, provavelmente porque pensavam que se estivessem na posição do conspirador agiriam da mesma forma.

Referências

- Andrade, J. M. (2008). *Evidências de validade do Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade para o Brasil* (Tese de Doutorado, Departamento de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília).
- Anglim, J., & O'Connor, P. (2019). Measurement and research using the Big Five, HEXACO, and narrow traits: A primer for researchers and practitioners. *Australian Journal of Psychology*, 71(1), 16-25. doi: 10.1111/ajpy.12202
- Ashton, M. C., & Lee, K. (2019). How well do Big Five measures capture HEXACO scale variance?. *Journal of personality assessment*, 101(6), 567-510. Doi: 1080/00223891.2018.1448986
- Buecker, S., Maes, M., Denissen, J. J., & Luhmann, M. (2020). Loneliness and the Big Five Personality Traits: A Meta-analysis. *European Journal of Personality*, 34, 8-28. doi: 10.1002/per.2229
- Costa Jr, P. T., & McCrae, R. R. (1995). Domains and facets: Hierarchical personality assessment using the Revised NEO Personality Inventory. *Journal of Personality Assessment*, 64, 21-50.
- Couto, R. N., & Fonsêca, P. N. D. (2019). Character strengths in the Brazilian northeast region: Contributions of personality beyond age and sex. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 36. 1-13. doi: 10.1590/1982-0275201936e180137
- Douglas, K. M., Sutton, R. M., & Cichocka, A. (2017). The psychology of conspiracy theories. *Current Directions in Psychological Science*, 26, 538-542. doi: 10.1177/0963721417718261

- Douglas, K. M., Sutton, R. M., Callan, M. J., Dawtry, R. J., & Harvey, A. J. (2016). Someone is pulling the strings: Hypersensitive agency detection and belief in conspiracy theories. *Thinking & Reasoning*, 22, 57-77. doi: 10.1080/13546783.2015.105158
- Dwan, T., & Ownsworth, T. (2019). The Big Five personality factors and psychological well-being following stroke: a systematic review. *Disability and rehabilitation*, 41, 1119-1130. doi: 10.1080/09638288.2017.1419382
- Galliford, N., & Furnham, A. (2017). Individual difference factors and beliefs in medical and political conspiracy theories. *Scandinavian Journal of Psychology*, 58, 422-428. doi:10.1111/sjop.12382
- Goreis, A., & Voracek, M. (2019). A systematic review and meta-analysis of psychological research on conspiracy beliefs: Field characteristics, measurement instruments, and associations with personality traits. *Frontiers in psychology*, 10(205). 1-13. doi: 10.3389/fpsyg.2019.00205
- Hollander, B. A. (2018). Partisanship, individual differences, and news media exposure as predictors of conspiracy beliefs. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 95, 691-713. doi: 10.1177/1077699017728919
- March, E., & Springer, J. (2019). Belief in conspiracy theories: The predictive role of schizotypy, Machiavellianism, and primary psychopathy. *PloS one*, 14, 1-10. doi: 10.1371/journal.pone.0225964
- Rezende, A. T., Gouveia, V. V., Nascimento, A. M., Vilar, R., & Oliveira, K. G. (2019). Correlatos valorativos de crenças em teorias da conspiração. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 37, 219-234. doi: 10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.7211
- Rezende, A.T., Gouveia, V.V., Coelho, G.L.H., Loureto, G.D.L., Cavalcanti, T.M. (2019, no prelo). Escala de Crenças Gerais Conspiratórias (ECGC): Desenvolvimento e Evidências Psicométricas. *Avaliação Psicológica*.

- Rose, C. (2017). *The measurement and prediction of conspiracy belief* (Doctoral Thesis. PhD in Philosophy, Victoria University of Wellington, Wellington).
- Schultz, S. E., & Schultz, D. P. (2011). *Teorias da personalidade* (9ª ed.). São Paulo: Cengage Learning.
- Smederevac, S., Mitrović, D., Sadiković, S., Riemann, R., Bratko, D., Prinz, M., & Budimlija, Z. (2020). Hereditary and environmental factors of the Five-Factor Model traits: A cross-cultural study. *Personality and Individual Differences*, 162, 1-15. doi: 10.1016/j.paid.2020.109995
- Soares, A. K. S., Lopes, G. S., Rezende, A. T., Ribeiro, M. G. C., dos Santos, W. S., & Gouveia, V. V. (2016). Escala de Deseabilidad Social Infantil (EDSI): Evidencias de validez factorial y fiabilidad. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 34, 383-394. doi: 10.12804/apl34.2.2016.11
- Soto, C. J., & John, O. P. (2017). The next Big Five Inventory (BFI-2): Developing and assessing a hierarchical model with 15 facets to enhance bandwidth, fidelity, and predictive power. *Journal of personality and social psychology*, 113(1), 117-143. doi: 10.1037/pspp0000096
- Swami, V., Barron, D., Weis, L., Voracek, M., Stieger, S., & Furnham, A. (2017). An examination of the factorial and convergent validity of four measures of conspiracist ideation, with recommendations for researchers. *PloS one*, 12, 1-27. doi: 10.1371/journal.pone.0172617
- Swami, V., Chamorro-Premuzic, T., & Furnham, A. (2010). Unanswered questions: A preliminary investigation of personality and individual difference predictors of 9/11 conspiracist beliefs. *Applied Cognitive Psychology*, 24, 749-761. doi: 10.1002/acp.1583
- Swami, V., Coles, R., Stieger, S., Pietschnig, J., Furnham, A., Rehim, S., & Voracek, M. (2011). Conspiracist ideation in Britain and Austria: Evidence of a monological belief system and associations between individual psychological

differences and real-world and fictitious conspiracy theories. *British Journal of Psychology*, 102, 443-463.

Swami, V., Nader, I. W., Pietschnig, J., Stieger, S., Tran, U. S., & Voracek, M. (2012).

Personality and individual difference correlates of attitudes toward human rights and civil liberties. *Personality and Individual Differences*, 53, 443-447. doi: 10.1016/j.paid.2012.04.015

Swami, V., Weis, L., Lay, A., Barron, D., & Furnham, A. (2016). Associations between

belief in conspiracy theories and the maladaptive personality traits of the personality inventory for DSM-5. *Psychiatry Research*, 236, 86-90. doi: 10.1016/j.psychres.2015.12.027

Declaração do contributo dos autores

Quanto a elaboração do manuscrito, assegura-se que o AT e VV foram responsáveis pela construção textual revisão das referências e formatação final do texto., AK e HB, por sua vez, foram responsáveis pela realização do método e resultados. No que concerne a sessão da discussão e considerações finais, todos os autores contribuíram.

Editor de sección

La editora de sección de este artículo fue Gabriela Fernández.

ORCID ID: 0000-0002-9225-060X

Formato de citación

Rezende, A. T., Gouveia, V. V., Soares, A. K., Moizéis, H. B. C. (2021). Crenças em teorias da conspiração em estudantes universitários: Uma explicação a partir dos traços de personalidade. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 11(2), 122-145. doi: <http://dx.doi.org/10.26864/PCS.v11.n2.6>
